

CRÍTICA / LIVRO / KINTSUGI

Divulgação

Por Olga de Mello

Ao virar a última página de Kintsugi (Rocco, R\$ 59,90), da chilena María José Navia, surge a indagação: por que demorou tanto para essa autora ganhar uma edição brasileira? O romance, que conta a história de uma família fragmentada, é de 2018 – tempo excessivo para sua obra chegar ao Brasil. Sim, leitor voraz também desconhece escritores vizinhos, principalmente pela distância linguística dos que não têm o espanhol como idioma.

Kintsugi, que pode ser traduzido como emenda de ouro, é o nome dado à prática japonesa de restaurar peças de cerâmica ou porcelana usando laca misturada com pó de ouro, prata ou platina, em vez de escondê-las, tornando as rachaduras parte do objeto, que ganha um novo componente em sua história.

Nessa narrativa com diversos protagonistas, a autora juntou o que já foram contos – publicados em revistas ou antologias – unidos em capítulos para revelar os traumas que estruturam uma família despedaçada ao longo de décadas, sem oferecer explicações claras para os motivos de tantas separações sequenciais, desde que o pai sai de casa.

Não há despedidas, mas silêncios respeitosos, que jamais rompem os limites impos-



A obra da chilena María José Navia deveria ter chegado mais cedo ao Brasil

Cacos de família

tos por cada um. A médica bem-sucedida, abandonada pelo marido, tem o apoio da irmã cleptomaníaca para cuidar dos filhos, que buscam carreiras profissionais sempre voltadas para o servir: o mais velho é professor, a do meio trabalha com causas humani-

tárias, o caçula também abraça a Medicina.

Todos estabelecem limites que impedem a convivência constante, amenizada pela Internet. O último capítulo traz Ema, filha do irmão mais jovem, participando de um projeto de pesquisa com total observa-

ção de sua rotina diária. Num futuro próximo e indefinido, o voyeurismo já deixou de ser entretenimento, com os realities shows, para se tornar um estudo científico, rendendo um polpudo salário para as cobaias humanas. Ao criar um recorte doloroso da silenciosa e reflexiva era da comunicação imediata, María José Navia traz a reflexão para o momento em que o cotidiano se sustenta em pequenos acasos efêmeros.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

A RAINHA DA RUA PAISSANDU

Lançada pela Intrínseca (R\$ 69,90), a biografia-homenagem composta por Lázaro Ramos a partir de seus encontros com Ruth de Souza, a primeira brasileira indicada a um prêmio internacional por atuação no cinema. Pouco antes da morte da atriz, aos 98 anos, em 2019, Lázaro a visitou para ouvir suas recordações da infância pobre em Copacabana e como se tornou referência tanto na arte de atuar como na representatividade étnica. Além de belíssimas ilustrações, o livro traz as lembranças de Ruth entremeadas por textos contextualizando cada época citada.



Divulgação

TEIA DE MENTIRAS

último romance de Charlie Donlea, o oftalmologista dublê de escritor de thrillers, que já vendeu cerca de 5 milhões de livros em 40 países, traz um protagonista que combina, como o autor, duas atividades profissionais. Um plantonista de pronto-socorro, que largou a carreira de detetive na Polícia para se dedicar a salvar vidas, é convocado a investigar o desaparecimento de uma jovem. Para descobrir o paradeiro da moça, ele precisa entrevistar o assassino de seu pai. Ao leitor, um aviso: toda certeza é derrubada a cada capítulo. (Faro Editorial, R\$ 74,90),



Divulgação

RIO DE JANEIRO - A URBE OITOCENTISTA

Pedro Henrique Miranda Fonseca reúne testemunhos de viajantes estrangeiros que chegavam à cidade, no século 19, para traçar a evolução urbanística, social e política da capital de um país que foi Colônia, Reino, Império e República naquele século. Edificações que se inserem no recanto de natureza exuberante, as vestimentas europeias que se impõem, apesar do calor excessivo, as festas locais e um álbum iconográfico com pinturas de Rugendas, Debret e fotografias de Marc Ferrez ilustram as transformações do embrião da atual metrópole. (Cajuína, R\$ 60)



Divulgação